

CAPÍTULO 1

A plenitude da alegria, nosso privilégio

“Escrevemos estas coisas para que a nossa alegria seja completa” [1Jo 1.4].

UM SERMÃO PUBLICADO NA QUINTA-FEIRA, 14 DE MAIO DE 1914, PREGADO POR C. H. SPURGEON, NO TABERNÁCULO METROPOLITANO, NEWINGTON.

O apóstolo João se parece muito com seu Senhor no motivo que o levou a escrever esta epístola! Vocês se lembram de como Cristo afirmou no último discurso feito aos seus discípulos na véspera de sua paixão: “Tenho lhes dito estas palavras para que a minha alegria esteja em vocês e a alegria de vocês seja completa” [Jo 15.11]; e como ele os aconselhou: “Peçam e receberão, para que a alegria de vocês seja completa” [Jo 16.24]; e como ele orou ao Pai em favor deles “para que eles tenham a plenitude da minha alegria” [Jo 17.13]. Assim, aqui, o discípulo amado, movido pelo Espírito de Deus, reflete e segue o mesmo propósito gracioso: “Escrevemos estas coisas para que a nossa alegria seja completa” [1Jo 1.4]. Que evidência do profundo afeto

do nosso Salvador por seu povo o fato de que ele não está contente com ter lhe garantido a salvação definitiva, mas está ansioso em relação ao seu estado de espírito atual! Ele se deleita pelo fato de seu povo não apenas estar seguro, mas feliz; não apenas salvo, mas se regozijando com a sua salvação. Não agrada a seu Salvador que vocês balancem a cabeça como o junco e vão se lamentando todos os seus dias. Ele gostaria que vocês se alegrassem nele sempre; ele fez provisão para esse fim e para esse fim nos deu preceitos. Por isso, parece que:

I. A ALEGRIA DO CRISTÃO PRECISA SER CUIDADA.

Não encontraremos o apóstolo João escrevendo para promover o que, na ordem natural das coisas, sem dúvida ocorreria. Em relação ao objeto dessa ansiedade pastoral, ele parece incluir todo o grupo apostólico junto com si mesmo quando afirma: “[*Nós*] escrevemos estas coisas para que a [*sua*] alegria seja completa” como se a alegria de vocês não fosse completa a menos que os apóstolos inspirados fossem comissionados por Deus para promovê-la. Assim, digo: a alegria de vocês deve ser cuidada; não duvido de que vocês mesmos tenham provas muito sugestivas disso *nas suas circunstâncias externas*. Vocês nem sempre podem se regozijar porque, embora seu tesouro não esteja neste mundo, sua aflição está. Às vezes, a pobreza será uma cruz muito pesada para que vocês cantem debaixo dela. Às vezes a doença os lançará sobre uma cama na qual vocês ainda não aprenderam a se alegrar. Perdas lhes sobrevêm nos negócios, falhas na esperança, o abandono dos amigos e a crueldade dos inimigos; qualquer uma dessas coisas pode se mostrar como as noites de inverno que podam as folhas

verdes da sua alegria, e as fazem murchar e cair do seu galho. Vocês não podem se regozijar sempre, mas às vezes é necessário que vocês passem pelo abatimento por meio de tentações diversas. Suponho que nenhum de vocês seja tão perfeitamente feliz que não tenha alguma provação. Então, será preciso cuidar bem de sua alegria, para que essas inundações não avancem e a extingam. Vocês necessitarão clamar àquele que unicamente pode manter sua chama acesa e avivá-la com óleo novo.

Suponho, também, que *vocês contem com estados de ânimo e suscetibilidades* que não facilitam a manutenção da alegria perpétua. Talvez isso não ocorra com vocês, mas eles me acometem. Às vezes ocorrerá uma profunda depressão do espírito; mal se pode dizer seu motivo ou origem. A asa forte com que vocês alçaram voo como uma águia parecerá bater no ar em vão. Seu coração, que certa vez subiu ao alto como a cotovia que ascende do meio do orvalho, jazerá frio e pesado, como uma pedra sobre a terra, e vocês acharão difícil alegrar-se.

Além disso, *o pecado* deterá o início de sua alegria santa, e quando vocês dançariam de alegria, como Davi diante da arca, alguma corrupção interior virá para impedir seu deleite. Ah, amados! Não é fácil cantar enquanto se luta. Os soldados cristãos devem fazê-lo; eles devem marchar à batalha com canções de triunfo, para que seu espírito seja fortalecido com bravura forte contra as corrupções inatas; contudo, às vezes a veste rolada no sangue, no pó e na agitação, impedirá por um tempo o desejado brado de vitória. Com provações diversas e variadas; provações provenientes dos aguilhões e espinhos deste mundo caído; provações

oriundas de sugestões satânicas; provações derivadas das insurreições de fontes tenebrosas de corrupção em seu próprio coração sujo, vocês, de fato, precisam que a sua alegria, para ser mantida plena e fluindo o máximo possível, seja guardada e suprida por uma influência superior à sua e abastecida por um manancial celeste.

Imagino que até agora vocês já tenham aprendido, meus amados no Senhor Jesus Cristo, quão extremamente necessário é que essa sua alegria seja abundante. Quando repletos de alegria, somos mais do que páreos para o adversário da alma; porém, quando finda nossa alegria, o temor nos enfraquece os tendões e, como Pedro, podemos ser derrotados por uma pequena serva. Quando a nossa alegria no Senhor está no ponto máximo, podemos suportar que a figueira não floresça, que os rebanhos sejam abatidos no estábulo e no campo, mas quão pesadas são as nossas tristezas para suportar, quão impacientes nós nos tornamos quando as correntes que ligam o céu e a terra são desfeitas, ou a comunicação de alguma maneira interceptada. Se pudermos contemplar a face do Salvador sem a intromissão de uma nuvem, então a tentação não tem poder sobre nós, e todas as imposturas chamativas oferecidas a nós pelo pecado têm o brilho eclipsado pelo ouro verdadeiro da alegria espiritual em nossa posse. Oh, que enlevo!

“Eu não trocaria minha bendita condição
 Por tudo o que o mundo diz ser bom ou excelente então;
 Enquanto minha fé puder se firmar,
 O ouro do pecador não vou desejar.”¹

¹ Do hino *How Vast the Treasure We Possess* (Quão vasto é o tesouro que possuímos), de Isaac Watts – nota da editora.